

A REVISTA DE QUEM EDUCA

NOVA

escola



Por dentro da Pedagogia a distância




Estudo aponta que curso a distância que mais cresce no país tem os mesmos problemas do ensino presencial. Especialistas sugerem 7 alternativas para aperfeiçoar essa modalidade.



UMA PUBLICAÇÃO



**ESTUDOS E PESQUISAS
EDUCACIONAIS**



Projeto Jovem de Futuro. Uma iniciativa que está transformando a escola pública no país.

O Itaú Unibanco e o Instituto Unibanco acreditam que, se os estados tiverem incentivos adequados, eles têm capacidade para dar a grande virada que o ensino médio público necessita. O **Projeto Jovem de Futuro**, desenvolvido pelo Instituto Unibanco, impacta efetivamente a qualidade de ensino e ajuda a construir perspectivas melhores para muitos jovens, promovendo a quebra do ciclo da pobreza.

Saiba mais sobre o projeto, acesse:
www.institutounibanco.org.br

 Instituto
UNIBANCO

DPZ

Apresentação **4**
A realidade da Pedagogia a distância

4

8 **Perfil do aluno**
Em busca de diploma

8

Infográfico **10**
Na trilha da EaD

10

12 **Perspectivas**
Sete propostas para o futuro

12

Entrevista **14**
Maria Elizabeth de Almeida

14

15 **Artigo**
Desafio: aprender e ensinar com a TIC

15



ILUSTRAÇÃO DA CAPA BRUNO ALGARVE

Edição especial sobre a pesquisa *Educação a Distância: Oferta, Características e Tendências dos Cursos de Licenciatura em Pedagogia*, realizada de maio de 2011 a abril de 2012 com coordenação de Maria Elizabeth de Almeida (PUC-SP) sob encomenda da Fundação Victor Civita (FVC).

EDIÇÃO ESPECIAL "POR DENTRO DA PEDAGOGIA A DISTÂNCIA"



Fundador: VICTOR CIVITA (1907-1990)
Presidente: Roberto Civita
Diretora Executiva: Angela Dannemann
Conselheiros: Roberto Civita, Giancarlo Francesco Civita, Victor Civita, Roberta Anamaria Civita, Fábio Barbosa, Maria Alice Setúbal, Claudio de Moura Castro, Jorge Gerdau Johannpeter, Manoel Amorim e Marcos Magalhães

Diretora de Redação: Maggi Krause
Redatora-chefe: Denise Pellegrini
Diretora de Arte: Manuela Novais
Coordenadora Pedagógica: Regina Scarpa
Editora-assistente: Bruna Nicolielo
Editora de Arte: Julia Browne
Gerente de Projetos: Mauro Morellato
Analista de Planejamento e Controle Operacional: Kátia Gimenes
Processos Gráficos: Vitor Nogueira

Colaboraram nesta edição: Paulo Kaiser (revisão) e Priscila Monteiro (coordenação pedagógica)

Edição especial "Por Dentro da Pedagogia a Distância" é uma publicação da área de Estudos e Pesquisas da Fundação Victor Civita (estudosepesquisas@fvc.org.br).

IMPRESSA NA BRASILFORM EDITORA E IND.GRAFICA LTDA.
Rua Rosalinda Moraes Silva, 71, Cotia, SP

Apoiadores



A realidade da Pedagogia à distância

ILUSTRAÇÕES BRUNO ALCARVE

Saudado como um meio de democratizar o acesso à universidade, o curso esbarra em problemas herdados da modalidade presencial e na fraca institucionalização

ALICE RIBEIRO novaescola@fvc.org.br

A licenciatura em Pedagogia é o curso com mais estudantes no Brasil entre as graduações a distância. A cada 100 alunos na modalidade, 30 a escolheram, mostra o Censo da Educação Superior de 2010, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). No país todo, são mais de 286 mil alunos, espalhados por 4.450 polos (unidades onde ocorrem os encontros presenciais) de instituições públicas e privadas.

A expansão recente da EaD e seu potencial em atender professores em exercício – segundo as exigências da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que estipula a formação em nível superior como condição para a atuação do docente na Educação Básica – colocaram o segmento em evidência. Mas como são esses cursos? Qual o perfil de quem os procura? Como é desenvolvido o conteúdo curricular? Quem são os atores e como ocorre a interação virtual e presencial entre eles? Quais as tendências para os próximos anos?

Para conhecer esse universo pouco explorado, a Fundação Victor Civita (FVC), em conjunto com o Banco Itaú BBA e o Instituto Unibanco, encomendou a pesquisa *Educação a Distância: Oferta, Características e Tendências dos Cursos de Licenciatura em Pedagogia*, coordenada por Maria Elizabeth de Almeida, docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo





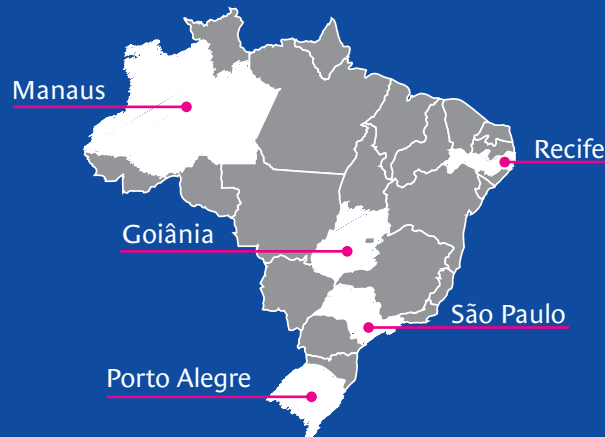
(PUC-SP). As instituições ouvidas pelos pesquisadores têm sedes em cinco capitais brasileiras (veja detalhes nos gráficos à direita e informações sobre a metodologia no quadro da pág. 6). Leia a seguir alguns dos principais achados do estudo.

■ Ênfase nos fundamentos gerais

A pesquisa identificou que a Pedagogia a distância repete a mesma tendência de atribuir maior peso aos fundamentos gerais que aos conhecimentos didáticos verificada na modalidade presencial – como indicou, em 2008, o estudo *Formação dos Professores no Brasil*, realizado pela Fundação Carlos Chagas (FCC) também sob encomenda da FVC.

Disciplinas como História e Sociologia da Educação são valorizadas, em detrimento daquelas voltadas aos conhecimentos didáticos. “Essa bagagem teórica é bem-vista pelos estudantes”, assinala Maria Elizabeth. Poucas são voltadas aos conteúdos da Educação Básica e ao estudo de tópicos relativos ao sistema escolar, como o currículo. Há, ainda, a frágil associação com a prática educacional. Em depoimento, alunos, coordenadores e gestores mostraram que os espaços para o desenvolvimento da prática parecem restritos às atividades de estágio, que, por sua vez, têm a função de cumprir apenas exigências legais.

CIDADES-SEDE DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS



NOTA DAS INSTITUIÇÕES NO ENADE

Federais



Particulares



5
é a nota máxima

TOTAL DE POLOS

Públicas



Privadas

259

é o número de polos da maior rede privada nas cinco cidades pesquisadas

Apresentação

■ Indefinição do perfil do tutor

Atualmente, não existe uma regulamentação da profissão e das condições de trabalho desse profissional. Assim, a atuação da categoria vai do atendimento de questões burocráticas ao posto de professor em exercício. A fala de alguns entrevistados mostra uma polarização. Uns defendem a criação de uma nova profissão, a tutoria. Outros consideram que o profissional atua como um docente e deve ser reconhecido como tal. “É preciso pensar quem é o tutor e o que se quer dele. Se a ideia é que ele atue só na parte administrativa, precisamos de um perfil. Se ele for responsável também pelo conteúdo, deve receber a formação adequada”, avalia Bernardete Gatti, pesquisadora da FCC (*leia opiniões dela e de outros especialistas sobre o estudo no quadro abaixo*). O docente que elabora o curso, em geral, é requisitado para outras funções e não pode se dedicar à docência na modalidade a distância. “Quem dá conta de tudo é o tutor, geralmente bolsista ou contratado de forma precária”, diz Bernardete.

■ Institucionalização precária

Apesar da expansão da oferta de cursos de graduação a distância e da introdução de disciplinas sobre a EaD na modalidade presencial, o ensino a distância caminha lentamente rumo à institucionalização (*leia um histórico do setor no Brasil no quadro da página ao lado*).

O mapeamento

A metodologia combinou revisão bibliográfica e pesquisa de campo em oito instituições (cinco públicas e três privadas) de cinco cidades das regiões socioeconômicas brasileiras: Manaus, Recife, Goiânia, São Paulo e Porto Alegre. A baixa adesão das instituições convidadas foi uma das dificuldades. Os estudantes responderam a um questionário e participaram de grupos focais – técnica feita com base em discussões de grupo. Já os coordenadores, além do questionário, foram entrevistados. Relatos de pesquisadores na área da formação e de avaliação da EaD foram incluídos.

“Os cursos se localizam no terreno da excepcionalidade, são encarados como projetos temporários. Muitas vezes, estão totalmente à parte dos cursos presenciais”, diz Maria Elizabeth.

Eles são concebidos pelos profissionais da própria casa – muitos deles professores da graduação presencial – para, em seguida, serem implantados em toda a rede. Um modelo que, ao mesmo tempo que garante a padronização da proposta, ignora as diferenças regionais (vale lembrar que muitas instituições têm sede em uma região, mas polos no Brasil todo). “Muitas delas não estão amadurecidas para propor uma

ILUSTRAÇÕES BRUNO ALGARVE

Com a palavra, os especialistas

“O estudo é muito significativo, pois enfrenta as questões que cercam a EaD de frente, apontando pontos positivos e negativos.”



FOTOS MARINA PIEDADE

KLAUS SCHLÜNZEN JUNIOR, coordenador do Núcleo de EaD da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (Unesp)

“Os cursos de EaD reproduzem os presenciais. Não se tem o cuidado de tratar o currículo e a linguagem de forma específica.”



BERNARDETE GATTI, formadora de professores e pesquisadora da Fundação Carlos Chagas (FCC)

formação a distância com toda a estrutura que esse processo requer”, diz Adriana Pereira da Silva, educadora da Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo, na região metropolitana de São Paulo. A fraca institucionalização colabora para a falta de conhecimento sobre a modalidade e, conseqüentemente, para o preconceito contra ela.

■ Ausência de especificidades da EaD

O alemão Otto Peters, autor de referência sobre o tema na década de 1970, considerou os princípios da modalidade com base na Educação de massa e na replicação de cursos. Essa concepção predominou até a primeira metade dos anos 1990. O surgimento das tecnologias de informação e comunicação (TIC) trouxe novas mudanças. Permitiu, por exemplo, a criação de ambientes virtuais de aprendizagem, o que promoveu a aproximação a distância entre tutores, professores e alunos, o chamado “estar junto” virtual.

Mas qual é o espaço dos recursos tecnológicos nos cursos analisados? Apenas 1,8% das disciplinas se dedicam a conteúdos relacionados à EaD. Além disso, predominam materiais impressos e teleaulas. “O paradigma da Educação presencial ainda domina o ensino a distância. Por essa questão cultural, os projetos pedagógicos não preveem o protagonismo das TIC”, pondera a coordenadora do estudo.

“A modalidade virtual precisa de uma logística e um planejamento muito consolidado, sobretudo em relação ao uso das TIC.”



MAURO PEQUENO, coordenador do Programa UAB, na Universidade Federal do Ceará (UFC)

Linha do tempo

1996 Ministério da Educação (MEC) cria Secretaria de Educação a Distância (Seed) e a LDB incentiva programas de EaD.

1998 O Ministério da Educação (MEC) regulamenta o credenciamento de instituições na modalidade.

2001 MEC permite que universidades ofereçam até 20% da carga horária dos cursos presenciais na modalidade a distância.

2004 É criada a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores, que abriga o Pró-Licenciatura, para docentes em exercício.

2005 Decreto acrescenta o uso das TIC na compreensão da EaD e fortalece o papel do Estado no controle dos cursos.

2006 O Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) é criado com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos no país.

2007 A Seed estabelece referenciais para definir a regulação, a supervisão e a avaliação dos cursos de graduação a distância.

2011 A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) assume o papel da Seed depois da descontinuação dessa secretaria.

Perfil do aluno

Em busca de diploma

Nas instituições pesquisadas, o principal público já trabalha com Educação e procura aperfeiçoamento e vivência acadêmica

ALICE RIBEIRO novaescola@fvc.org.br

ILUSTRAÇÕES BRUNO ALGARVE

Repetindo a tendência da modalidade presencial, mulheres são a maioria na licenciatura em Pedagogia a distância. A principal diferença na EaD é a faixa etária: 59% tem entre 30 e 49 anos, e predominam profissionais que já atuam na Educação – na docência, na gestão escolar, na secretaria ou no apoio pedagógico.

As alunas vêm vantagem nos horários flexíveis, mas, no decorrer do curso, percebem que ele exige mais dedicação do que esperavam. O entendimento equivocado sobre o ensino a distância não vem apenas delas. Uma das participantes da pesquisa comentou ser motivo de brincadeiras por fazer EaD. “Ainda há a crença generalizada de que se trata de um estudo de segunda categoria”, explica a coordenadora do estudo, Maria Elizabeth de Almeida.

A falta de habilidade no uso das tecnologias não aparece entre as dificuldades, mas tampouco as TIC são citadas como um fator que ajuda o aprendizado. O maior obstáculo são os materiais acadêmicos impressos, que elas consideram difíceis de entender. “Tenho um déficit na escrita grande, então tinha que conversar com os monitores”, diz uma aluna.

A frequência ao polo – para tirar dúvidas e participar de atividades – é valorizada. Trata-se de uma oportunidade de ganhar vivência acadêmica e refletir sobre a prática. Entrar na universidade é motivo de orgulho, embora elas não se sintam parte da instituição. Além de almejar que a EaD tenha o mesmo reconhecimento do ensino presencial, elas requisitam laboratórios e bibliotecas mais equipados e maior proximidade com os professores.



QUEM É O ALUNO

89%

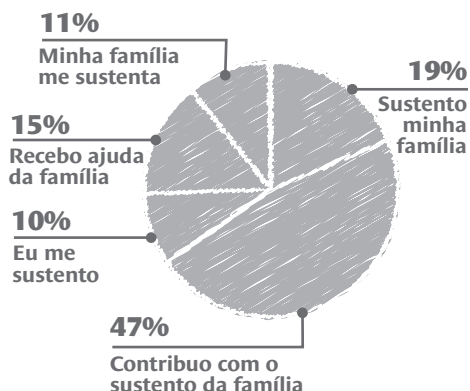
são mulheres

“O que mais me atraiu foi a flexibilidade. Consigo acessar os materiais nas horas de folga, de casa e do trabalho.”

67%

dos alunos dos grupos focais* já trabalham com Educação

Sustento familiar



88%

moram até 50 km de distância da cidade onde está o polo

* TÉCNICA DE PESQUISA FEITA COM BASE EM DISCUSSÕES DE GRUPO.

PERCEPÇÕES SOBRE O CURSO

98,6%

estão satisfeitos

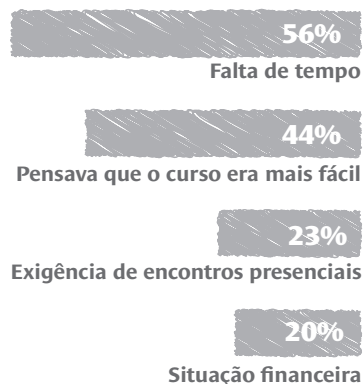
“As aulas presenciais foram muito proveitosas. Fazíamos aulas em círculo, trocando experiências.”

85%

acham que as atividades propostas estão próximas da realidade das escolas

“Eu me via como uma pessoa que troca fraldas. No curso, percebi que a teoria tem tudo a ver com a prática.”

Principais dificuldades



FONTE PESQUISA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: OFERTA, CARACTERÍSTICAS E TENDÊNCIAS DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA (FVC).

Na trilha da EaD

Os cursos analisados estão próximos de um bom modelo? Nem sempre. Veja na ilustração

GABRIELA PORTILHO novaescola@fvc.org.br

ILUSTRAÇÕES BRUNO ALCARVE

PPP

Projeto Pedagógico

Como deve ser: deve ser elaborado por docentes e tutores do curso, em parceria com a rede de ensino local, e seguir referenciais do MEC.

Descoberta da pesquisa: em algumas unidades, os responsáveis pelo PPP nem sequer dão formação à equipe do curso.

Apresentação do curso

Como deve ser: o site da instituição deve informar sobre o curso (proposta curricular, carga horária, avaliação, cronograma e locais das atividades presenciais) de forma clara.

Descoberta da pesquisa: sites com dados confusos e/ou incompletos.

Currículo

Como deve ser: tutoriais sobre os recursos da plataforma virtual utilizada e disciplinas teóricas e sobre EaD devem estar contemplados, assim como estágios.

Descoberta da pesquisa: predominam disciplinas teóricas, com pouca ênfase na tecnologia e nos conhecimentos didáticos.

Material didático

Como deve ser: uso de ambientes virtuais de aprendizagem, como o Moodle, teleaulas, DVDs e bibliografia.

Descoberta da pesquisa: os materiais impressos ainda predominam.

Redes sociais

Forum

Chat

Plataforma virtual

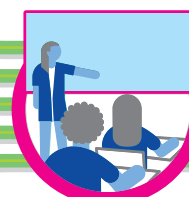
Interação virtual



Como deve ser: o tutor estimula as interações, que ocorrem por meio da plataforma. O professor pode intervir pontualmente.
Descoberta da pesquisa: os cursos pouco propõem o uso das ferramentas e trocas dificilmente ocorrem.

Como deve ser: as avaliações presenciais devem ser obrigatórias e de maior peso do que as feitas a distância. Na USP, 60% delas são presenciais. O restante é feito pela internet.
Descoberta da pesquisa: exames virtuais e presenciais, com possibilidade de recuperação.

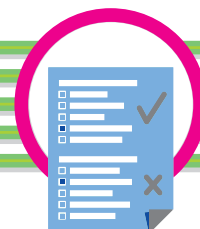
Avaliação



Estágio

Como deve ser: trezentas horas obrigatórias, em Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Descoberta da pesquisa: não é tratado com destaque na organização curricular, ficando restrito à exigência do MEC.



Interação presencial



Como deve ser: o aluno frequenta as instalações do polo, tira dúvidas e participa de atividades com colegas ou docentes. A frequência é definida em cada unidade.

Descoberta da pesquisa: alta frequência ao polo – em uma das instituições, é diária.

Conversas em grupo

Biblioteca

FONTES CONSULTADAS MARIA ELIZABETH DE ALMEIDA, KLAUS SCHLÜNZEN JUNIOR, COORDENADOR DO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA UNESP, GIL DA COSTA MARQUES, COORDENADOR EXECUTIVO DO CURSO SEMIPRESENCIAL DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP).

Sete propostas para o futuro

Conheça as ações mais importantes para institucionalizar o curso de Pedagogia na EaD e alavancar a qualidade da formação

BRUNA NICOLIELO bruna.nicolielo@fvc.org.br

ILUSTRAÇÕES BRUNO ALGARVE



O alto percentual de matrículas na licenciatura de Pedagogia a distância não deixa dúvidas sobre a validade da EaD na formação de professores. O número de cursos também cresce. De 2009 a 2010, por exemplo, houve um aumento de mais de 51%, segundo o Inep, graças, em parte, à demanda estimulada por políticas públicas de estímulo ao ingresso no ensino superior, como o Programa Universidade para Todos (Prouni).

Defendido como alternativa para expandir a abrangência da oferta por formação, o ensino mediado por recursos tecnológicos tem potencial para atingir os rincões do Brasil. Hoje, funcionam 4.450 polos, de 77 instituições de ensino superior, espalhados pelo país,

segundo dados dos portais e-MEC e Universidade Aberta do Brasil (UAB). Falta, porém, maior capilaridade, pois essa oferta ainda está concentrada nas regiões Sul e Sudeste do território nacional.

Esse foi um dos tópicos discutidos num evento que trouxe especialistas da área à sede da FVC, em São Paulo, para debater os resultados da pesquisa. Com base nessa discussão, eles formularam encaminhamentos para aprimorar a modalidade e, assim, estimular investigações futuras e orientar as ações de universidades e gestores públicos. Veja na página a seguir quais as iniciativas necessárias para dar um salto de qualidade e melhorar a qualificação de quem se forma no curso de Pedagogia a distância.

1 Formatar bons modelos

A organização dos cursos deve empregar equipes multidisciplinares (com gestores, docentes, tutores e técnicos), que trabalhem as linguagens e a infraestrutura necessária ao curso a distância.

2 Profissionalizar o tutor

A atividade precisa de regulamentação. Hoje, cabe às instituições definir o papel e as atribuições do tutor, que oscilam entre a função de professor em exercício e a execução de atividades burocráticas, como a checagem da presença. “A tutoria ainda é novidade e não existe consenso sobre seus limites e sua abrangência”, diz Maria da Graça Moreira da Silva, professora da PUC-SP e uma das coordenadoras do estudo.

3 Vincular o curso à rede local

É preciso prever a flexibilidade do projeto pedagógico de modo a adequar os cursos às diversas realidades locais existentes no país. Eles devem tratar de temas relacionados ao contexto e incorporar as necessidades dos professores e das redes às quais se destinam. “Se as próprias instituições de ensino não entenderem que isso é importante, teremos uma lacuna na formação dos alunos, que não encontram reflexos dos estudos em sua realidade local”, explica Maria da Graça. Esse fator é ainda mais importante no caso das instituições com maior número de polos – caso das redes privadas, que, atualmente, concentram 90% dessas unidades, segundo informações dos portais e-MEC e UAB.

4 Fortalecer a presença do docente

O professor deve atuar em parceria com a equipe de tutoria para orientar o aluno em seus estudos. “O contato com docentes é importante para combater a evasão. Sem eles, o aluno se sente abandonado”, diz Klaus Schlünzen Junior, da Unesp. Assim, as instituições devem criar condições para que os professores consigam trabalhar em conjunto com os demais profissionais das equipes de planejamento, implantação e suporte ao curso.

5 Interiorizar e expandir a oferta

É necessário aumentar o acesso fora de centros urbanos e capitais, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste, onde ainda há poucas opções de cursos de Pedagogia a distância. Também é preciso rever a adoção do modelo Universidade Aberta do Brasil, pois a diversidade brasileira não comporta um modelo único para todo o país.

6 Integrar as modalidades

Hoje, os cursos presenciais e a distância são ofertados e estruturados separadamente. Eles possuem sites, vestibular, secretaria e docentes distintos, como se fossem organizados por instituições diversas. “Esse processo deve ser integrado, de forma que as universidades ofereçam os cursos independentemente da modalidade”, afirma Maria da Graça. Isso não significa, porém, que os cursos devam ser iguais. Eles precisam ser formulados de acordo com suas particularidades. “Em geral, as propostas curriculares são iguais ou muito semelhantes aos cursos presenciais. Ou seja, deixa-se de lado uma ótima oportunidade de conceber propostas inovadoras, utilizando as tecnologias”, explica Mauro Pequeno, da UFC.

7 Oferecer transparência

Os alunos precisam ter acesso a programas e ao calendário do curso para saber os conteúdos abordados e planejar sua rotina de estudos. Em geral, os cursos limitam-se a instruir sobre as ferramentas à disposição, as datas, os horários e as atividades dos momentos presenciais. “Acabam negligenciando outros aspectos importantes, como a própria postura do aluno, a disciplina que ele necessita para se auto-organizar, os materiais de apoio e as exigências tecnológicas necessárias ao acompanhamento das aulas”, explica Pequeno. Outros aspectos fundamentais, como os pressupostos pedagógicos dos cursos, ementas, seu eixo curricular e os processos de acompanhamento e avaliação também são frequentemente esquecidos. “Esse conjunto de informações incompletas ou imprecisas pode ser apontado como um dos principais fatores do abandono do curso e da falta de estímulo dos ingressantes na EaD”, completa ele.



Maria Elizabeth de Almeida

Apoio ao docente em formação

Favorecer a interação – virtual e presencial – é a saída para dar fim à sensação de isolamento, uma das queixas mais comuns dos alunos da EaD

BRUNA NICOLIELO bruna.nicolielo@fvc.org.br

A alternância de momentos de contato nos polos e de encontros mediados da tecnologia é a tendência atual no ensino a distância. A estratégia de valorizar a interação em todas as frentes rompe com o modelo do aluno solitário em seu computador, que ainda é frequente – mas restringe o potencial da modalidade. Na entrevista a seguir, a coordenadora do estudo discute as estratégias de interação encontradas.

Os alunos valorizam as etapas presenciais. Por que isso ocorre?

MARIA ELIZABETH O dado não é uma característica identificada apenas no grupo analisado. Aparece em outros estudos, como no levantamento nacional da Associação Brasileira de Educação a Distância (*Abed*). Por isso, observamos uma tendência mundial de oferecer uma formação híbrida, que intercale o contato virtual e presencial. A falta de familiaridade com a tecnologia também favorece a preferência pela segunda opção. Porém, na formação de professores, é importante que os alunos possam vivenciar a ambiência da sala de aula em diferente papéis, como aluno e professor.

“O tutor faz a ponte entre o professor e o aluno. Sem isso, a EaD seria um autoestudo.”

Quem é o interlocutor nesses momentos?

MARIA ELIZABETH O tutor, que é geralmente um mestrando ou doutorando da instituição ou, ainda, um profissional da rede de ensino local. O ideal é que ele seja um par mais experiente do professor em formação. Ele ministra aulas, aplica provas e corrige exercícios. Em outros momentos, tem funções administrativas. Presencial ou virtualmente, ele faz a ponte entre o professor e o aluno. E a Educação se faz por meio da interação. Sem isso, seria um autoestudo. Por isso, deve receber formação continuada e em serviço e não apenas uma orientação inicial. Por fim, a turma quase não interage com os professores e com o tutor virtual, embora reclame quando este se ausenta.

Com que frequência os alunos vão aos polos?

MARIA ELIZABETH Cerca de 50% das instituições propõem encontros semanais. Em outras, os alunos vão muito ao polo e gostam dessa experiência. Alguns, inclusive, usam o computador nessas unidades. Não há uma frequência considerada ideal.

Muitos cursos propõem atividades de teleaula nos polos. Isso é um contrassenso?

MARIA ELIZABETH Sim. Na maioria das vezes, o projeto pedagógico não prevê como e quando utilizar as teleaulas de forma adequada. Em geral, elas são gravadas e fazem referência a um material impresso. Só teriam sentido se permitissem a interação simultânea entre aluno e professor. Sem ela, não passam de um recurso que poderia estar disponível apenas em uma plataforma virtual.

Desafio: aprender e ensinar com a TIC

Estimular o estudo e a reflexão sobre o uso das tecnologias com a mediação digital é uma das principais vocações da EaD



Sérgio Roberto Kieling Franco

Projetos pedagógicos que encaram a tecnologia como mero meio de transmissão, predomínio de material impresso e de interações presenciais. Currículos que não contemplam disciplinas relacionadas à tecnologia. Essas foram algumas das descobertas da pesquisa *Educação a Distância: Oferta, Características e Tendências dos Cursos de Licenciatura em Pedagogia*, tema desta edição especial.

O estudo também mostrou um cenário pouco alentador no que se refere à apropriação de ferramentas tecnológicas por parte dos alunos. Os cursos estudados não só deixam de fazer o “letramento digital” dos estudantes – de modo a levá-los a adquirir a fluência necessária para interagir por meio de ambientes virtuais de aprendizagem – como também não promovem sua “inclusão digital”. Ou seja, não introduzem o uso das tecnologias e, portanto, não capacitam os futuros docentes a utilizá-las durante o curso e, mais adiante, em sua vida profissional.

O panorama identificado, infelizmente, não é uma surpresa. Em duas décadas trabalhando com EaD, já vi uma grande quantidade de cursos a distância que não exploram todo o potencial interativo das tics para aproximar as pessoas e promover a interação so-

cial, a produção de conhecimentos, a colaboração e a aprendizagem. Em vez disso, informatizam o ensino, espelhando-se no pior tipo de aula presencial (que é exclusivamente expositiva, sem abertura para debates e reflexões) e usando a tecnologia apenas para transmitir aulas ou para enviar textos simplificados.

Ora, a EaD depende da tecnologia e não se pode esquecer de dar a devida ênfase a ela. As características específicas das TIC, entre as quais a interação multidirecional e síncrona, a busca, a organização e a reelaboração de dados, por exemplo, são elementos distintivos da modalidade atualmente. É fundamental, portanto, ensinar sobre ela com a mediação de recursos tecnológicos, incluindo estudos e práticas sobre o uso das TIC. Assim, a formação deve incluir o experimentar, o vivenciar, o refletir e o discutir as TIC no âmbito do ensino e da aprendizagem.

Os computadores, os *tablets*, os celulares e, principalmente, a internet precisam fazer parte do cotidiano do curso, criando um elo orgânico entre os momentos de interação virtual e presencial. Assim, será possível transformá-lo em uma verdadeira rede social educacional, na qual se produz conhecimento com base no diálogo com o outro (a distância ou presencialmente). Do contrário, a Pedagogia na EaD permanecerá como nada mais que um curso por correspondência, que até pode ser instrutivo, mas nunca dará conta do papel formativo que precisamos implementar para transformar a Educação brasileira.

“A formação deve incluir o experimentar, o vivenciar, o refletir e o discutir as TIC.”

SÉRGIO ROBERTO KIELING FRANCO
é Secretário de Educação a Distância da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



PARA O ITAÚ BBA,
AS NOTAS QUE
MAIS INTERESSAM
SÃO AS NOTAS 10.

Acreditamos que
somente com educação
de qualidade para todos
é possível construir um
país mais justo e formar
futuros líderes.

Saiba mais sobre os projetos
sociais que apoiamos.
www.itaubba.com



Itaú BBA

A frente. Por escolha.

